

MUSICA

"LO SCHIAVO"

I

A tão esperada reabertura do nosso Teatro Municipal teve lugar ontem, finalmente, com a inauguração da temporada lirica oficial.

Para a auspiciosa data, houve-se muito bem a Empresa concessionaria escolhendo uma opera de autor brasileiro e paulista.

Nascido em Campinas, a 11 de julho de 1836, Antonio Carlos Gomes, temperamento vibratil de legitima propensão musical, desde menino cantava nas festas de igreja, com bellissima voz de soprano. Sob a proteção do imperador D. Pedro II, matriculou-se no Conservatorio do Rio de Janeiro, dirigido por Francisco Manuel da Silva. A 4 de setembro de 1861, aniversario de casamento do imperador, fez estrear sua primeira obra, "A Noite do Castelo" (oferecida ao imperador), na Academia de Opera Nacional, recém-fundada, que obteve exito extraordinario. O colonista do "Diario do Rio de Janeiro", Henrique Cezar Muzzi, escreveu as seguintes exaltadas palavras:

"A musa da arte nacional rasgou o crepe que a envolvia desde a morte de José Mauricio Nunes Garcia; um novo filho bem seu — seu pelo berço, pela educação e pelo sentir — vai continuar a tradição do passado, reviver a chama quase extinta da pira sagrada".

Dois anos mais tarde estreou-se a "Joana de Flandres", cujo carinhoso acolhimento pelo publico lhe valeu a almejada viagem á Italia, sob o patrocínio de D. Pedro II; foi-lhe assegurada a mensalidade de cento e cinquenta mil réis...

Em Milão tomou lições particulares com Lauro Rossi (1812-1855), diretor do Conservatorio. Já em 1867 estreou-se "Se sa minga", com musica de Carlos Gomes, que agradou, sobretudo a canção "Del fucile ad ago" tornou-se famosa na epoca. Após outra obra de somenos monta, "Nella Luna", veio o enorme triunfo obtido com "Il Guarani", levado á cena no Teatro Scala, de Milão, a 19 de março de 1870, que lhe valeu fama universal.

Escreveu ainda as seguintes operas: "Fosca" (1873), "Salvatore Rosa" (1874), "Maria Tudor" (1879), "Lo Schiavo" (1889) e "Condor" (1891). Faleceu em Belém, a 16 de setembro de 1896.

Um dos seus libretistas, o celebre Antonio Ghislanzoni, assim o definiu: "Este selvagem, elegante e caprichoso, que se esconde ás vezes como um jaguar atrás das moitas de lilases e rosas para brincar com as crianças, é um dos caracteres mais nobres e honestos que tenho conhecido".

Conquanto muitos considerem Carlos Gomes um compositor mais italiano do que brasileiro, apenas vislumbrando um "loque" nacionalista em sua obra, é inegavel o cunho profundamente brasileiro da sua musica. Na abalitada opinião de Mario de Andrade, Antonio Carlos Gomes e Alexandre Levi "refletem a preocupação nacionalista" na nossa arte, que até então perseverava fundamentalmente européica.

Consoante a escola oitocentista italiana em que se cultivou, o insigne maestro paulista era, sobretudo, um exímio melodista, começando por onde Verdi acabou, no dizer do proprio autor de "Falstaff".

Aos que o acusam de "italianismo", vale lembrar, ainda, que a "côr local" não estava em moda nem na opera italiana, onde dominavam Bellini, Donizetti e Verdi, nem mesmo na musica brasileira. Em verdade, conquanto os libretistas de Verdi peregrinassem, por vezes, entre povos longinquos, a musica italiana não admitira, até então, exotismos, e os acentos tipicamente americanos eram desconhecidos na Europa. De qualquer forma, Carlos Gomes "tinha o lugar de verdadeiro iniciador da musica brasileira porque na epoca dele, o que faz a base das musicas nacionais, a

obra popular, ainda não dera entre nós a cantiga racial". E acrescenta Mario de Andrade: "Porém não é verdade que o brasileiro de Carlos Gomes se tenha restringido á escolha de libretos não. Existe porcentagem vasta de italianismos na obra dele, porém a realidade étnica da musica brasileira vai além do que julgam levemente. No Guarani, no Escravo, mesmo nas operas sobre libreto europeu como o Salvador Rosa ou o fraquinho Condor, notam-se uns tantos caracteres, certas originalidades ritmicas, certa rudeza de melodia desajeitada, certas coincidências com a nossa melodia popular, em que transparece a nacionalidade do grande musico".

Em uma série de artigos publicados no "Diario da Noite" do Rio de Janeiro, em 1952, sob o sugestivo título — "Lo Schiavo", a opera composta para glorificar a natureza do Brasil — o maestro Salvatore Ruberti, com a indiscutivel autoridade que todos lhe reconhecem, defende o fundo nitidamente nacionalista da musica de Carlos Gomes. Mais do que isto, apresenta o celebrado maestro campineiro como apaixonado abolicionista.

Diz o maestro Ruberti: "Carlos Gomes, compondo Lo Schiavo, deu uma das evidentes provas de espirito nativo da sua musica. Somente quem não sabe ou não quer, ou, pior ainda, não tem a suficiente cultura musical para analisar digna e completamente a vibrante partitura e verificar tudo o que nela evoca a magnificencia da selva brasileira, a riqueza de ritmos e motivos de origem brasilindia, a exuberancia das paixões que transbordam dos corações dos filhos da sua terra natal, pode ousar pôr em duvida a pureza de intuitos patrióticos que fizeram brotar e florescer da alma do campineiro esta magnifica prova de humanidade e de brasilidade".

Eis a dedicatória que o maestro escreveu na primeira pagina de O Escravo, em homenagem á Princesa Isabel:

"Senhora: Digne-se Vossa Alteza acolher este drama no qual um brasileiro tenta apresentar o nobre carater de um indigena escravizado.

Na memoravel data de 13 de maio em prol de muitos infelizes semelhantes ao protagonista deste drama, Vossa Alteza, com animo gentil e patriótico tepe a gloria de transmutar o cativo em eterna alegria de liberdade. Assim, a palavra escravo no Brasil, perence á lenda do passado. E' pois em sinal de profunda gratidão e homenagem que, como artista brasileiro, tenho a subida honra de dedicar este meu trabalho á Excelsa Princesa em quem o Brasil reverencia o mesmo alto espirito, a mesma grandeza de animo de Dom Pedro II e eu a mesma generosa proteção que me glorio de haver recebido do Augusto Pai de Vossa Alteza Imperial.

Hoje, 29 de julho, dia em que o Brasil sauda o aniversario da Augusta Regente, levo aos pés de Vossa Alteza este ESCRAVO, talvez tão pobre, como os milhares de outros que abençoam a Vossa Alteza na mesma efusão do reconhecimento com que sou,

De Vossa Alteza Imperial
sudito e reverente,

a) Carlos Gomes

Milão — 29 de julho de 1888".

O Escravo foi considerada por Joaquim Nabuco, o Visconde Taunay, André Rebouças e outros como a opera abolicionista por excelencia, o "trabalho que celebra os canticos de gloria da epopéia regeneradora de um grande e nobre povo". E, em suas memorias, André Rebouças sentenciou: "Carlos Gomes é o glorioso Maestro da Abolição: este é o titulo que lhe compete na lenda e na historia".

(Continua)

Biblioteca Centro de memoria - Unicamp



CMUHE010208